

---

RIMAS DE SÂNDALO E OURO: A PRESENÇA DE VÍCTOR HUGO  
NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

---

DANIELA MANTARRO CALLIPO\*

---

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da presença de Victor Hugo nas crônicas machadianas escritas de 1859 a 1897. Constatou-se que, dentre as duzentas citações francesas feitas por Machado de Assis nas mais de seiscentas crônicas que escreveu, 27 são de autoria de Victor Hugo, o que indica a necessidade sentida por Machado de Assis de estabelecer, como cronista, o diálogo com esse poderoso influxo representado pela vasta produção hugoana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis, crônicas, presença hugoana, literatura comparada.

---

Machado de Assis escreveu mais de seiscentas crônicas entre 1859 e 1897, como colaborador de vários jornais e acabou tornando-se um especialista no gênero. Felizmente, seus textos jornalísticos têm merecido a atenção dos pesquisadores que sempre preferiram estudar seus romances e contos. Essas contribuições para os periódicos comprovam ser o talento do grande escritor brasileiro ainda mais amplo do que se supunha e, de modo algum, podem ser desprezadas, por pertencerem a um “gênero menor”. A crônica machadiana tem um valor de documento histórico indiscutível e uma fascinante profundidade literária sob uma forma simples, familiar, corriqueira: “por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar” (CANDIDO, 1992, p. 19).

---

\* Professora de Língua e Literatura Francesas da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp)/Campus de Assis.  
E-mail: callipo@assis.unesp.br

Essa riqueza pode revelar, inclusive, o patrimônio cultural de Machado de Assis: em suas colaborações para os jornais, o escritor fluminense não hesitava em recorrer a grandes nomes da literatura a fim de explicar um pensamento, concluir uma idéia ou demonstrar suas habilidades para construir divertidas paródias e provocar reflexões em seus leitores. Dentre esses grandes nomes, destacam-se os mestres da literatura francesa.

Sua biblioteca pessoal confirma a preferência pela leitura de obras da pátria de Voltaire: “55,53% dos livros deste acervo são escritos em francês, enquanto somente 23,95% o são em português” (JOBIM, 2001, p. 16), o que indica a importância desse idioma para sua formação. A marcante presença francesa pode ser facilmente verificada por meio do uso lexical, de alusões a costumes, personalidades culturais e figuras políticas, como Balzac, Júlio Verne, La Palisse, Napoleão e Robespierre, e, principalmente, por causa das duas centenas de citações dos mais variados autores franceses, desde Villon até Baudelaire, passando por Courier, Jacotot e Auguste Comte, o que representa a média significativa de uma citação francesa em cada três crônicas.

Grande parte dessas citações já circulava no meio intelectual brasileiro do oitocentos. As crônicas alencarianas, por exemplo, reunidas sob o título *Ao correr da pena*, revelam o uso de máximas francesas caras ao autor de *Iracema*, as quais ressurgiriam, dez ou vinte anos depois, nos textos jornalísticos de Machado de Assis. Também é importante observar serem algumas citações igualmente utilizadas por seus colegas da *Gazeta de Notícias*; por essa razão, é preciso ter certa cautela ao aceitar a opinião de John Gledson, organizador de *Bons dias!* (MACHADO DE ASSIS, 1989, p. 15), que afirma ter o escritor se referido muitas vezes a “fontes literárias e históricas que os seus próprios leitores (ou muitos deles) provavelmente desconheciam. [...] Cita escritores tendo a certeza de que não serão familiares a muitos leitores, que não entenderão sequer o que é dito”.

Essas citações e expressões podem causar estranheza ao leitor atual; todavia, para os contemporâneos do autor de *Helena*, cuja bagagem

literária incluía autores como Gonçalves Dias ou Álvares de Azevedo, as citações retiradas das obras de Musset, Lamartine, Dumas, George Sand, para mencionar apenas escritores franceses, eram há muito conhecidas. É verdade que não muitos brasileiros liam os romances no original, mas as traduções abundavam e permitiam que a difusão de escritores famosos não ficasse restrita ao círculo dos intelectuais. Para Alfredo Bosi (2004, p. 9), “Machado não era um jornalista provinciano e míope, nem a cultura letrada brasileira do seu tempo era marginal e incapaz de dialogar com as pontas de lança da inteligência do Ocidente”.

Dados da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro publicados na *Gazeta de Notícias*, de 2 de setembro de 1875, confirmam o interesse da população pela literatura francesa. Na página 2, lê-se:

A Biblioteca Municipal foi freqüentada no decurso do mês findo por 1.065 leitores que consultaram 1.269 obras assim distribuídas:  
Teologia, 10; Ciências e Artes, 176; Jurisprudência, 27; Jornais, Revistas, 325; História, Geografia, Viagens, 92; Belas Letras, 639.

Escritas nas seguintes línguas:

Portuguesa, 924; Inglesa, 18; Alemã, 1; Francesa, 313; Espanhola, 13.

Esse levantamento mostra como o conhecimento da língua de Molière era maior no século XIX do que se supõe atualmente: 25% das obras consultadas eram escritas em francês.

As citações feitas por Machado podem revelar suas leituras: por meio delas, pode-se perceber que ele lia os clássicos, como Racine e Corneille, as comédias de Beaumarchais e Marivaux e seus contemporâneos, como Dumas Fils, Barrière, Feuillet e Scribe, autores que fizeram enorme sucesso nos meados do século XIX.

Algumas citações francesas foram retiradas de romances variados, como os de Alexandre Dumas, Voltaire, Georges Sand, Stendhal e Zola; outras foram emprestadas de textos filosóficos, como os de Rousseau, Pascal e Montaigne. Finalmente, há a presença importante das fábulas de La Fontaine e Perrault, de canções populares ou de

operetas e uma longa lista de provérbios, máximas e frases que se tornaram célebres e remetem a Mme. de Sévigné, La Rochefoucault, Cambronne, Viennet e La Bruyère.

Em meio a tantos autores, uma presença se destaca: a de Victor Hugo. Reconhecido como chefe do movimento romântico, ele também teve um papel político importante e foi considerado uma espécie de gigante literário francês, ao longo de mais de sessenta anos do século XIX. Foi teatrólogo, romancista, tribuno e, sobretudo, poeta. O manancial de frases cunhadas por ele, seja em seus prefácios, seja em suas obras líricas ou de ficção, justifica o estudo de sua presença na nossa literatura, pela inegável recepção que teve. De que modo, porém, teria ele sido apreendido pelo autor de *Dom Casmurro*?

Desde muito cedo, Machado de Assis revela não somente conhecer bem o escritor francês, como também ter memorizado vários trechos de suas obras, utilizados para ilustrar um pensamento em relação a algum fato comentado nas crônicas. Massa (1971) é categórico ao afirmar ser possível reconhecer a leitura da obra de Victor Hugo, em 1858, especialmente a de *Notre Dame de Paris*. Na verdade, já um ano antes, ele havia publicado na *Marmota* um poema com uma epígrafe retirada do livro *Odes e Ballades*. A partir de então, o jovem poeta teria, ainda segundo Massa, bebido várias vezes em fontes hugoanas. Estariam presentes nos poemas escritos nessa fase o “entusiasmo” despertado pelo autor de *Lucrece Borgia*, mas não o seu “gênio”, seus ideais missionários, que concebem o poeta como um mago que deve guiar um povo, mesmo sem o seu talento criador.

Também para Eugênio Gomes (1949), a influência hugoana é marcante e facilmente perceptível: as *Ocidentais* seriam uma réplica às *Orientales*, o poema “Abîme” teria inspirado “Círculo Vicioso”, “Le Satyre” seria a fonte de “Viver”. Já Gilberto Pinheiro Passos (2006, p. 79-83) analisa o intertexto resultante do aproveitamento de “Vieille chanson du jeune temps”, de *Les Contemplations*, em “Missa do Galo”.

Os textos de crítica teatral escritos no decênio de 1860 estão repletos de citações da obra hugoana. Para Massa (1971, p. 213) no

artigo “O jornal e o livro”, por exemplo, o colaborador do *Correio Mercantil* teria elaborado “uma síntese apaixonada, em que se misturam o pensamento de Pelletan e a eloquência de Hugo”. A crítica literária feita por Machado de Assis nessa época também faz alusões a Victor Hugo e a seus livros: em “O ideal do crítico” escrito em 1865, o colaborador do *Diário do Rio de Janeiro* afirma que sua admiração pelo *Cid* não o havia impedido de ver as belezas de *Ruy Blas* (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 16).

Em 1866, critica o poema épico “Colombo”, de Porto Alegre, condena os “macaqueadores” do autor de *Les Burgraves* e cita uma passagem de *Littérature et Philosophie Mêlées*, publicado em 1834, na qual Victor Hugo homenageia o descobridor da América.

Em “Instinto de nacionalidade”, publicado em 1873, trata das tendências morais do então atual romance brasileiro, considerando-as “geralmente boas”. Afirma que a sua geração fora seduzida pelos nomes do período romântico e com eles se educara seu espírito: “os Vítor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozlans, os Nervals” (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 139). No mesmo artigo, condena a utilização abusiva da antítese nos poemas nacionais, a qual considera uma cópia do autor de *Contemplations*, pois, se a figura “nas mãos do grande poeta produz grandes efeitos, não pode constituir objeto de imitação, nem sobretudo elemento de escola.” (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 144).

Seis anos depois, escreve “A nova geração”, artigo em que comenta as novas tendências da poesia, formada por um espírito “cheio de fervor e convicção”. Traça um panorama da literatura nacional e condena o realismo (“a negação mesma do princípio da arte”), citando uma frase do prefácio de *Cromwell*: “Um poeta, Victor Hugo, dirá que há um limite intrascendível entre a realidade, segundo a arte, e a realidade, segundo a natureza” (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 188). Em seguida, trata da escola hugoísta, fundada por discípulos do escritor francês, à qual pertenceram Múcio Teixeira, Sílvio Romero, Tobias Barreto e Castro Alves, tendo este último encerrado o movimento. Admite ser a

imitação do poeta das *Orientales* feita muita vez “não sem felicidade”, o que não ocorreria com os imitadores de Baudelaire, que utilizavam um tom “demasiado cru”. Como se vê, são várias as alusões ao criador de Jean Valjean, representante de uma geração que influenciaria várias outras por muitos anos.

Nas poucas cartas que Machado de Assis deixou, é possível identificar alguns comentários a seu respeito: em 20 de fevereiro de 1868, na célebre resposta a José de Alencar acerca de Castro Alves, o autor de *A mão e a luva* retrata desse modo o aspirante a vate: “Achei um poeta original [...] Se se adivinha que a sua escola é a de Vítor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-o a preferir o poeta das *Orientais* ao poeta das *Meditações*” (MACHADO DE ASSIS, 1953b, p. 24).

Em 28 de janeiro de 1901, José Veríssimo escreve de Nova Friburgo ao amigo fluminense e conta ter-se tornado um assíduo freqüentador da biblioteca da cidade, cujos livros fariam a Machado de Assis “vir água à boca”: uma coleção dos clássicos portugueses e dos *Grands écrivains de la France* e a “edição em papel do Japão da edição nacional de Vítor Hugo, com ilustrações dos grandes pintores franceses” (MACHADO DE ASSIS, 1953b, p. 52). Em 21 de abril de 1902, no centenário do nascimento do autor de *Hans d’Islande*, o escritor carioca cumprimenta Veríssimo pelo artigo “Apoteose de Vítor Hugo”.

Nos romances, a presença do autor de *L’Année Terrible* é bastante discreta: quase não se encontram citações de sua obra, a não ser em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no qual, segundo Eugênio Gomes (1949), em seu estudo “Uma influência francesa: Victor Hugo”, seria possível “surprender os efeitos mais significativos da influência hugoana sobre o grande escritor”. Para o crítico, o capítulo do delírio conteria vários elementos caros ao autor de *L’Art d’être grand-père*: a terminologia, a expressão antitética e a concepção filosófica da natureza. Em *Esau e Jacó*, segundo Gilberto Pinheiro Passos (1996b, p. 54), haveria referências ao tema napoleônico e a um poema de *Feuilles*

*d'Automne*. Como se pode observar, é muito pouco em comparação às crônicas escritas no mesmo período. Nos romances, a predominância de citações estava relacionada a autores como Voltaire, Pascal, Villon, entre outros.

Nas peças escritas por Machado de Assis há citações de La Fontaine, Musset, Buffon e alusões a Alphonse Karr e Bernardin de Saint-Pierre. Não se encontram, todavia, versos de Victor Hugo, nem tampouco seu estilo ou influência. A presença hugoana se destaca, realmente, nas crônicas escritas ao longo dos quarenta anos de produção jornalística. Embora os dramaturgos em voga no século XIX fossem Dumas Fils, Feuillet, Barrière e Scribe, e os romancistas Zola e Flaubert estivessem causando grande sensação na França na segunda metade do oitocentos e Baudelaire fosse tão discutido, Victor Hugo sobressai nos textos escritos para o jornal pelo escritor fluminense. São inúmeras as citações, as alusões a personagens, os comentários a respeito de poemas, romances, peças que indicam seu interesse pela obra hugoana.

Primeiramente, pode-se afirmar ser essa presença marcante: dentre as duzentas citações francesas feitas por Machado de Assis nas mais de seiscentas crônicas que escreveu, 27 são de autoria do criador de *Fantine*. Para se ter uma idéia do que isso representa, há 14 citações de autoria de Molière, dentre as quais algumas se repetem por diversas vezes, 12 de La Fontaine, 7 de Musset, 5 de Corneille, 5 de Boileau, 4 de Voltaire, 4 de Racine, algumas de Rabelais, Pascal e Montaigne e de outros escritores, políticos, autores de operetas e *vaudevilles*. Os números indicam ter a leitura da obra do autor de *Claude Gueux* marcado o cronista, posto que esse cálculo não inclui as dezenas de alusões feitas ao escritor francês ou a suas personagens, nem as citações hugoanas presentes nos volumes *Crítica teatral* e *Crítica literária*. Como se pode verificar, o conjunto de tal presença é indicativo da necessidade de estabelecer um diálogo com esse poderoso influxo representado pela vasta produção hugoana. Como explicar tantas citações? Não seria arriscado julgar, como Carneiro Leão (1960), que

Machado de Assis sofreu “uma influência profunda de Victor Hugo”, exercendo uma “força sugestiva” sobre o autor de *Dom Casmurro*?

A leitura das crônicas em que aparecem citações tiradas dos textos de Victor Hugo indica que a obra do escritor francês foi lida de forma constante e interessada. Merece destaque a poesia, principalmente as *Orientales*, cujos versos são lembrados durante toda a longa carreira jornalística de Machado de Assis. Os famosos prefácios hugoanos, que serviram a toda uma geração como leis a serem seguidas, também não escaparam ao olhar atento do escritor fluminense, principalmente o de *Lucrèce Borgia* e o de *Cromwell*. Algumas alusões demonstram a leitura de outras peças, como *Ruy Blas*, *Angelo* e *Hernani*. Os romances hugoanos também são mencionados: em crônica de 15 de julho de 1877, refere-se a Javert, personagem dos *Misérables*; em 23 de junho de 1878, o colaborador do *Cruzeiro* refere-se a Quasímodo. Não foram encontradas referências, entretanto, aos romances posteriores, como *Quatrevingt-Treize* ou *L’Homme qui rit*.

É preciso analisar de que maneira a presença hugoana se manifestou nas crônicas de Machado de Assis. Alfredo Bosi (1999, p. 28-29) afirma ter o romancista escolhido como leitura de cabeceira os moralistas franceses e ingleses, tornando-se um admirador do classicismo do setecentos. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, teria aprofundado “o desprezo às idealizações românticas” e revelado a perda de suas ilusões em relação à existência. Eugênio Gomes (1949, p. 11) segue a mesma análise – fazendo exceção apenas a Victor Hugo –, quando explica a influência de humoristas anglo-saxões no escritor fluminense ao chegar à casa dos quarenta anos. O pesquisador afirma ter sido o romantismo uma experiência “cansativa” para o homem de natureza introvertida, mórbida, que tivera de recalcar reações e sentimentos, os quais o levaram a uma crise “algo trágica”. Jean-Michel Massa (1971, p. 355) confirma que o liberal romântico sofreu uma decepção amarga com o fracasso de seu engajamento político, razão pela qual atribuiu a culpa ao ideal de Pelletan e Victor Hugo, sendo consumido, a partir de então, por uma “náusea pessimista”.



A crítica tem comentado insistentemente esses aspectos da obra machadiana: o pessimismo, a ironia, o pensamento filosófico herdado dos moralistas do século XVIII e a presença constante e evidente de autores como Montaigne, Pascal, Shakespeare, Sterne, entre outros. A leitura de seus textos jornalísticos revela, porém, que o autor de *Châtiments* teve grande importância na construção do seu patrimônio cultural e deixou em parte de sua obra marcas profundas, nem sempre perceptíveis para todos os leitores. E isso se deve, principalmente, ao fato de Victor Hugo ser um autor bastante comentado e pouco lido. Parece muito mais fácil ler todas as peças de Molière e de Shakespeare do que atirar-se à aventura de ler as centenas e centenas de páginas de *Les Misérables* e suportar com paciência as digressões do “Homem oceano”. Imagine-se, então, tentar conhecer toda a vasta produção do escritor, elaborada ao longo de setenta anos, e buscar na obra machadiana as referências, alusões, citações.

A leitura dessa vasta produção pode revelar não só a genialidade de um gigante das letras, presente em quase todo o século XIX, que sobreviveu a todos os modismos, escolas, revoluções, mas também sua importância para escritores de outros países, de outras idades, de outras ideologias. Como essa figura polêmica, vaidosa, contraditória, risível e trágica, dona de um talento incomparável, marcou um jovem carioca ambicioso, que se transformaria em uma sumidade retraída e discreta? É o que será mostrado a seguir.

Quando Machado de Assis nasceu, Victor Hugo contava trinta e sete anos. Nessa idade, o escritor francês já havia criado o prefácio-manifesto de *Cromwell*, escrito as belas *Odes et Ballades* e *Les Orientales*, publicado os romances *Han d’Islande* e *Bug Jargal*, vivido a intensa batalha do *Hernani*, alcançado respeito e notoriedade graças a *Notre Dame de Paris*, *Les Feuilles d’Automne*, *Les Chants du Crépuscule* e *Les Voix Intérieures*. Já havia, também, provocado grandes polêmicas com *Marion Delorme* e *Le Roi s’Amuse*, criticado a pena de morte em *Le Dernier Jour d’un Condamné* e *Claude Gueux*,

condensado suas idéias em *Littérature et Philosophie Mêlées*, colhido elogios por causa de *Ruy Blas*.

Em 1841, enquanto o autor de *Les Rayons et les Ombres* discursava na Academia Francesa, em agradecimento por ter sido eleito membro da casa em 3 de junho daquele ano, Francisco e Maria Leopoldina preparavam-se para festejar, dali a dezoito dias, o segundo aniversário de seu primogênito. Em 1843, o escritor francês amargava o fracasso de *Les Burgraves* e pranteava a perda de sua filha Léopoldine. Para Joaquim Maria, esses tristes acontecimentos eram, então, incompreensíveis.

Em 1855, quando o inimigo número um de Luís Napoleão chegou a Guernesey, um adolescente magrinho, “mas modesta e limpamente vestido”, fazia todos os dias o percurso de barca, entre São Cristóvão e o cais Pharoux, “mergulhado na leitura”, provavelmente para trabalhar na cidade como guarda-livros ou caixeiro. Nesse mesmo ano, o rapaz de dezesseis anos publicou seu primeiro poema na *Marmota* e talvez tenha começado a freqüentar o teatro. Não para assistir às representações de *Lucrecia Borgia* ou *Angelo*, mas para aplaudir as comédias realistas de Dumas Filho, Émile Augier e Théodore Barrière, entre outros.

Em 1856, ao escrever “Idéias vagas”, o colaborador da *Marmota Fluminense* serve-se de uma epígrafe de Lamartine para tratar da poesia, arte inspirada pela natureza, “êxtase da alma e dos sentidos”. Já no fim do artigo, o rapaz de dezessete anos assim define o poeta:

Ele tem uma missão a cumprir neste mundo – uma missão santa e nobre, porque é dada por Deus! – É um pregador incansável – um tradutor fiel das idéias do Onipotente.

O mundo porém não compreende aquela alma tão grande como o universo – tão divina como a mais bela porção do espírito de Deus. (apud MASSA, 1965, p. 30)

Embora Victor Hugo não tenha sido mencionado, definição semelhante está em *Les Rayons et les Ombres*. Em “Fonction du poète”, ele afirma: “Le poète est l’archet divin” e Deus o espera na solitude.

Sua missão é como a dos profetas que conduzem o povo em direção à verdade. Nem todos, porém, compreendem-no, e ele deve ignorar os insultos, perseverando em mostrar a todos o caminho para os “dias melhores”:

C'est lui qui sur toutes les têtes,  
En tout temps, pareil aux prophètes,  
Dans sa main, où tout peut tenir,  
Doit, qu'on l'insulte ou qu'on le loue,  
Comme une torche qu'il secoue,  
Faire flamboyer l'avenir! (HUGO, 1970, p. 243)

Como a publicação de *Les Rayons et les Ombres* data de 1840, é possível que o escritor brasileiro já tivesse lido essa coletânea em 1856.

Em 1857, surge a primeira manifestação da obra hugoana em um texto do jovem fluminense. O poema “A...”, publicado na *Marmota* de 22 de dezembro daquele ano, tem como epígrafe versos do vate francês:

A...  
Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour!  
Victor Hugo

Oh! se eu pudesse respirar um beijo  
O teu hálito ardente e vaporoso,  
E na febre do amor e do delírio  
Sobre o teu seio estremecer de gozo! [...] (apud MASSA, 1965, p. 48)

A epígrafe foi retirada da décima estrofe de “A toi”, poema das *Odes et Ballades*, escrito em 1821:

Oh! de ton doux sourire embellis-moi la vie!  
Le plus grand des bonheurs est encor dans l'amour.  
La lumière à jamais ne me fut point ravie,  
Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour! (HUGO, 1968, p. 194-196)

A presença de Victor Hugo não revela, entretanto, a influência do autor em sua produção poética. Para Massa (1971), a inspiração vinha de Álvares de Azevedo, Lamartine, Garret. Ela indica, contudo, estar o jovem poeta lendo a obra do autor de *Notre Dame de Paris*. Nessa fase, seu interesse já teria sido despertado pelos versos românticos que “sabia de cor”, pelos prefácios dos dramas, repletos de reflexões a respeito da função do escritor na sociedade, pelo idealismo de um exilado político que, aos cinqüenta e sete anos, passara a defender os pobres, lutando pela abolição da pena de morte e do trabalho infantil, pelos direitos das mulheres e pela liberdade política. Ao rapaz de vinte anos, cabia ler no original todos os livros escritos pelo “Homem oceano” até então, e tentar acompanhar sua produção ininterrupta: de 1853 a 1859, ele publicara *Châtiments*, *Les Contemplations* e *La Légende des Siècles*, tendo composto, além disso, os polêmicos *Dieu* e *La Fin de Satan*.

Provavelmente, “Machadinho” já teria começado a estudar o prefácio de *Cromwell* e toda a dramaturgia do escritor francês, refletindo acerca da função do teatro. Não deixa, contudo, de seguir as tendências de sua época: em 1859, ao iniciar a carreira de crítico teatral, publicando seus artigos no jornal *O Espelho*, reafirma sua preferência pela escola realista “por mais sensata, mais natural, e de mais iniciativa moralizadora e civilizadora” (MACHADO DE ASSIS, 1938, p. 30).

No decênio de 1860, o estudo dos folhetins revela o conhecimento cada vez mais profundo da obra hugoana. O colaborador do *Diário do Rio de Janeiro* faz referências a *Marion Delorme*, *Hernani*, *Angelo*, *Lucrecia Borgia*, ao prefácio de *Cromwell*, a *Les Misérables*, comenta a “prosa lírica” do poeta francês e cita versos das *Orientales* e *Les Rayons et les Ombres*. Publica *Crisálidas* em 1864, e, nesse livro de versos, Massa (1971, p. 377-418) percebe a presença do “Ticiano da literatura” em poemas como “Stella” e “Caridade”. As epígrafes, entretanto, são tomadas a autores como Musset, Camões, Mme. de Staël, Sá de Miranda, Mickiewicz, Laprade.

Nessa mesma época, escreve cinco peças, não seguindo a escola realista de Dumas Fils e Augier, mas filiando-se à tradição dos provérbios

e comédias de salão “que conhecera certamente como leitor de Alfred de Musset e Octave Feuillet” (FARIA, 2001, p. 118). Esses textos não trazem nenhuma referência a Victor Hugo, nenhuma alusão à sua obra. Curiosamente, portanto, Machado de Assis lembrava os prefácios hugoanos em suas crônicas para ilustrar sua definição da missão civilizadora do teatro; afirmava ser partidário da escola de Dumas Fils e escrevia como Musset, citando La Fontaine e Alphonse Karr!

Do outro lado do Atlântico, o escritor francês continuava produtivo, mesmo no exílio: em 1862, lança seu romance mais famoso, *Les Misérables*. Dois anos depois, publica *William Shakespeare*. Em 1865, *Les Chansons des Rues et des Bois* e, no ano seguinte, *Les Travailleurs de la Mer*, concluindo o decênio com a publicação de *L’Homme qui Rit*. É difícil afirmar terem sido todas essas obras lidas pelo escritor fluminense, mas não restam dúvidas quanto à história de Jean Valjean, nem ao drama de Gilliat, traduzido por Machado, aos vinte e sete anos, com competência e seriedade. O trabalho rendeu-lhe, logicamente, benefícios pecuniários, mas deve ter servido, do mesmo modo, como treino poético.

No decênio de 1870, o cronista faz referências a *Les Contemplations* na *Semana Ilustrada* e, na *Ilustração Brasileira*, alude à personagem Javert dos *Misérables*. Menciona, ainda uma vez, *Les Orientales* e chama Victor Hugo de “um dos maiores poetas do século”. Publica mais uma coletânea de poesias, seus primeiros contos e quatro romances. Nessas obras, nenhuma epígrafe ou citação do escritor francês. Em *Ressurreição*, de 1872, há referências a Shakespeare, Voltaire, Henri Murger, Villon e ao livro *Robinson Crusoé*; em *A mão e a luva*, de 1874, Estevão lê algumas páginas de *Werther*, escreve versos à maneira de Byron, reflete a respeito de um axioma de Lord Macaulay e assiste a uma representação de *Otelo*, enquanto Mrs. Oswald entretém-se com a leitura de Milton. Há alusões a Barrière, Plutarco, Torquato Tasso e algumas frases da Bíblia. Em *Helena*, publicado em 1876, D. Úrsula lê *Saint-Clair das Ilhas*, há uma citação de Piron e outra de Goethe; Helena tenta ler *Manon Lescaut*, Estácio fala em *Paul et Virginie* e

Salvador cita *Otelo*. O texto é permeado de referências a Lutero, Aristófanes e às “Máximas” do Marquês de Maricá. Em *Iaiá Garcia*, de 1878, novamente Torquato Tasso, mais uma vez Shakespeare, algumas frases da Bíblia, de novo Pangloss, bem como referências a Virgílio, Plutarco, Homero e Lúculo.

O leitor entusiasmado das *Contemplations* e das *Feuilles d’Automne* não cita o autor dessas obras, autor este ainda produtivo, com a publicação de *L’Année Terrible* em 1872, de *Quatrevingt-treize* em 1874, e da série de *Actes et Paroles* nos dois anos seguintes. Em 1877, a nova série da *Légende des Siècles, Histoire d’un Crime e L’Art d’Être Grand-Père*. O septuagenário francês continua a ser comentado e discutido, mesmo que seja para contradizê-lo ou negá-lo. Machado de Assis reconhece-lhe a genialidade; sente a falta, no entanto, de uma ideologia que se adapte à nova fase de sua vida. Às vésperas de completar quarenta anos, o escritor brasileiro busca outras fontes para sua sede de conhecimento, distanciando-se, de forma crítica, dos modelos do passado.

Em 1878, a crônica de 1º de setembro, a respeito de um *calembour* feito por Victor Hugo durante o cerco prussiano, parece indicar uma ruptura com o autor de sua juventude. A “triste forma de espírito”, ou “la fiente de l’esprit qui vole”, “cultivada pelo grande poeta”, provoca assombro no escritor fluminense. A pena “cai-lhe” das mãos diante do *quatrain* metrificado. É a primeira crítica feita abertamente ao autor das *Odes et Ballades*. De maneira discreta, porém, a ruptura já havia sido anunciada uma semana antes. Ao tratar da função do cronista, o colaborador do *Cruzeiro* desmente a célebre frase do prefácio de *Cromwell*: “Le poète aussi a charge d’âmes”, ironizando-a: “O cronista não tem cargo d’almas, não evangeliza, não adverte, não endireita os tortos do mundo” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.152, v. 4)

Ele contradiz a si próprio, pois escrevera em 1864: “Também o folhetim tem cargo de almas. É apóstolo e converte”. Se há ruptura, não cessa, entretanto, sua admiração pelo poeta genial. Em 1º de junho de 1873, o colaborador das “Badaladas” analisa o livro de versos de Pedreira

Braga e conclui: ele “não é certamente o nosso Vitor Hugo, mas sente-se que aspira a alar-se às alturas do poeta das *Contemplations*” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 64, v. 3).

No decênio de 1880, a colaboração jornalística divide-se em três fases: na primeira, entre 1883 e 1886, Machado de Assis assina suas “Balas de estalo” com o pseudônimo de Lélío. Nesses textos, percebe-se o princípio de um distanciamento crítico em relação à França, embora as citações continuem abundantes e o autor de *Les Voix Intérieures* seja citado em três textos. A admiração pelo Velho Mundo é que arrefece.

Em 22 de julho de 1883, por exemplo, ele comenta o “vezo de tudo copiarmos ao estrangeiro” e afirma que a França “é um país sórdido” (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 416). Em 29 de outubro de 1884, classifica Molière como “um pobre diabo que, posto viva há dois séculos na memória dos homens, era, todavia, um saltimbanco ou pouco mais”.

Na segunda fase, após as “Balas de estalo”, Machado de Assis passa a colaborar para a coluna “Gazeta de Holanda” e, durante dois anos, trata da política do país, exercitando sua habilidade de compor versos. Não há referências explícitas a Victor Hugo. Finalmente, na terceira fase, entre 1888 e 1889, assina a coluna “Bons dias” com o pseudônimo de “Boas noites” e ignora o criador de Quasímodo. Prefere citar Musset, Molière, Pascal, Mme. de Sévigné, Montaigne.

É preciso lembrar que 1881 é o ano da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Nesse romance repleto de citações, destaca-se a presença francesa, analisada por Gilberto P. Passos em seu *A poética do legado* (1996a). Ouvem-se as vozes de Molière, Corneille, Chateaubriand, Villon, Beaumarchais, Stendhal, Xavier de Maistre e Voltaire no diálogo intertextual estabelecido entre o escritor fluminense e seus autores prediletos. Não há referências ao autor de *L’Homme qui Rit*, excetuando-se o capítulo do “Delírio”, no qual Eugênio Gomes teria percebido sua presença.

O decênio de 1880 termina deixando marcas profundas em Machado de Assis: foi o “início de sua glorificação em vida” (FACIOLI,

1982, p. 42) e da solidificação de sua carreira. Oficial da Ordem da Rosa, vogal do Conservatório Dramático, responsável pela Diretoria de Comércio, era aclamado o “mestre das letras brasileiras”.

Nesse mesmo período, morre Victor Hugo. Machado indigna-se com o comportamento de aspirantes a poetas que se aproveitam da morte do mestre francês para tornarem-se célebres e escreve duas crônicas mordazes e ferinas a respeito do assunto, além de compor o belíssimo poema “1802-1885”, em homenagem ao criador de Jean-Valjean.

Esse poema é de extrema importância, pois revela a visão machadiana do escritor francês: ele o coloca no mesmo nível de Dante, Voltaire, Homero e Shakespeare, ou seja, consagra-o como um gigante da literatura, um gênio das letras, um poeta imortal.

No decênio de 1890, a presença hugoana torna-se mais significativa nos textos jornalísticos escritos por Machado de Assis. Das vinte e sete citações encontradas de 1861 a 1897, doze foram utilizadas em crônicas escritas entre 1892 e 1897. É a época da publicação de *Quincas Borba*, da coletânea de contos *Várias histórias*, bem como de *Páginas recolhidas*. Naquele romance, há uma forte presença francesa (PASSOS, 2000), marcada por autores como Voltaire, Comte, Des Grieux, Dumas, La Fontaine, Rabelais, Molière, Feuillet, Balzac, dentre muitos outros. Nenhuma alusão ao exilado de Guernesey.

Na virada do século, ocorre a publicação de *Dom Casmurro*. Shakespeare, Goethe, W. Scott, Ariosto, Des Grieux, Montaigne, Dante, Camões estão ao lado dos nossos Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e José de Alencar. Victor Hugo continua ausente. Nesse romance, assim como nas crônicas, o autor permite a uma personagem fazer uma crítica mordaz à mania de copiar tudo o que é moda na França: no capítulo “O tratado”, uma senhora cai na rua e levanta-se rapidamente, envergonhada. Bentinho e José Dias assistem à queda e o agregado comenta o episódio: “– Este gosto de imitar as francesas da Rua do Ouvidor, dizia-me José Dias andando e comentando a queda, é evidentemente um erro” (MACHADO DE ASSIS, 1995, p. 126).



Em 1904, o escritor brasileiro publica *Esau e Jacó*. A lista de autores citados é imensa. Dentre eles, Dante, Ésquilo, Mme. de Staël, Cervantes, Voltaire, Goethe, Musset, Shakespeare, Racine, Camões, Homero e Casimiro de Abreu. Nesse romance, surge, discretamente, o Victor Hugo das *Feuilles d'Automne*, quando o narrador lembra o “pão inteiro e dividido do poeta”, citação analisada por Gilberto Pinheiro Passos em seu *As sugestões do Conselheiro: a França em Machado de Assis – Esau e Jacó e Memorial de Aires* (1996b, p. 55).

Quatro anos depois, seu último romance, o *Memorial de Aires*. Há alusões a Goethe, Shelley, Thackeray, Heine, Renan, Dante, Mme de Sévigné, Teócrito e João de Barros. Em nenhuma dessas obras, destaca-se a presença hugoana.

Se um estudioso fosse analisar a presença de Victor Hugo nas obras de Machado de Assis e excluísse as crônicas, chegaria à conclusão de que o poeta francês não foi importante para a formação intelectual de nosso escritor, nem sequer se incluiu entre seus autores preferidos. Se consultasse a biblioteca do patrono da Academia Brasileira de Letras, notaria que os livros do criador de Marius e Cosette também não constavam da lista dos volumes mais manuseados!

Excluir, portanto, sua produção jornalística, para verificar as relações dialógicas que ele estabeleceu com outros escritores, resulta no empobrecimento drástico de seu patrimônio cultural e na interpretação equivocada da importância do “mago da poesia” para o Bruxo do Cosme Velho. A quantidade de citações retiradas da obra de Victor Hugo e inseridas nas crônicas machadianas impressiona e não é gratuita. Não por acaso, o escritor francês é o autor mais citado pelo cronista fluminense – idealista e liberal, cauteloso na maturidade e, mais tarde, um “moralista cético” – nos seus quarenta anos de contribuição para os principais periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No início de sua carreira jornalística, Machado de Assis citava o autor de *Angelo* por compartilhar de suas opiniões acerca do teatro; com o tempo, passou a estabelecer um diálogo com o gigante das Letras

e a utilizar as citações a serviço de seu próprio texto, modificando-as de acordo com seus interesses, ora compactuando com as idéias de seu autor, ora negando-as e, até mesmo, ridicularizando-as.

O modelo seguido pelo Machadinho do decênio de 1860 passou a ser evitado pelo celebrado autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* entre 1870 e 1880. Mas, alguns anos após a morte de Victor Hugo, por que o maduro Machado volta a chamá-lo para ilustrar suas idéias?

O levantamento das citações mostra que Machado de Assis, no decênio de 1860, citou os prefácios de *Lucrecia Borgia* e *Cromwell*, para ilustrar sua visão do teatro, bem como dois poemas famosos e conhecidos de todos os leitores, “Les Djins” e “Guitare”, talvez com a intenção de demonstrar sua cultura, versatilidade e talento paródico. No decênio de 1870, enquanto se preparava para o grande salto em sua carreira literária, não citou o autor de *Les Travailleurs de la Mer* e ironizou-o por ter feito um *calembour* de péssimo gosto. Na “História de quinze dias”, preferiu citar Balzac, George Sand, Molière, Chateaubriand e até trechos do “Barbe Bleue”. Nas “Notas semanais”, citou Mme. de Sévigné, Molière, Corneille e fez alusões a Zola, Balzac e Musset.

Nos anos 1880, cita o romance *Les Misérables* duas vezes e, quando falece o criador de Jean Valjean, demonstra ter lido e memorizado seus livros de poesia publicados entre 1829 e 1840: *Les Feuilles d’Automne*, *Les Rayons et les Ombres*, *Les Voix Intérieures* e *Les Orientales*. Finalmente, no decênio de 1890, a presença hugoana se intensifica: são treze citações retiradas das *Contemplations*, *Feuilles d’Automne*, *Les Rayons et les Ombres*, *Chants du Crépuscule*, *Les Misérables* e, principalmente, das *Orientales*.

Os dados apontam qual foi o Victor Hugo que marcou Machado de Assis. Sem dúvida, o da batalha do *Hernani*, e também o romancista dos anos 1860, o vate dos versos escritos entre 1829 e 1850, mas, de modo inigualável, o criador de *Sara la Baigneuse*. O escritor brasileiro parece ignorar as obras hugoanas escritas a partir de 1870, a não ser

por algumas alusões feitas a *L'Année Terrible*. Isso quer dizer que, dentre todas as facetas do mestre francês, a mais marcante para o autor de *Crisálidas* foi aquela do genial poeta que celebrou o exotismo, a sensualidade e a beleza do Oriente por meio de versos fortes, inovadores, simples, originais. Em 1º de maio de 1877, o colaborador da *Semana Ilustrada* não esconde sua predileção por assuntos ligados a odaliscas e sultões. Ao comentar a guerra entre turcos e russos que acabara de “romper”, alegra-se com a notícia e roga a Jeová e a Alá que prolonguem “a nova contenda que vai reunir no campo de honra os exércitos muçulmano e cismático”, pois as “guerras ordinárias e civilizadas são enfadonhas como uma quadrilha francesa”. Aquela, ao contrário, era bastante poética: “Bósforo! Ilíria! Até os nomes têm um sabor de mel, que contrasta com o drama, e produz uma sensação estranha, romântica, 1830”. O narrador conclui:

Agora, se me perguntarem para que lado pendem as minhas simpatias, dir-lhes-ei que fazem uma pergunta inútil. Onde está a odalisca? Aí estou eu. De que parte fica o harém, o *chibuk*, o narguilé? É esse o meu lugar, o meu voto, a minha consideração. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 218, v. 3)

O resultado do levantamento explica, também, por que as coletâneas poéticas de Victor Hugo não estão na lista feita por Glória Vianna (JOBIM, 2001, p. 128-129) dos volumes mais manuseados por Machado de Assis. Constam da biblioteca do escritor uma edição de 1875 que contém: *Les Orientales*, *Les Feuilles d'Automne* e *Les Chants du Crépuscule*, uma edição de 1873 de *Odes et Ballades*, uma edição de 1872 de *Les Contemplations* e as edições de 1875 e 1877 de *La Légende des Siècles*. Ora, se a primeira citação dessas obras data de 1857, parece claro não terem sido esses os exemplares estudados na sua juventude. Provavelmente, adquiriu-os mais tarde, apenas para tê-los por perto: seu conteúdo já estava memorizado havia muitos anos

O aumento de citações nas crônicas corresponde a seu quase desaparecimento nos contos e romances, donde se conclui que o cronista

tem um perfil próprio, muito diferente daquele do respeitável patrono da ABL – muito parecido com o de Machadinho. Esse Machadinho da “pena azeitada”, criado com “leite romântico”, teria sobrevivido no cronista.

Em 24 de novembro de 1883, “Lélio” confessa ter ainda “um resto de costela romântica”. Em 10 de janeiro de 1884, revela sentir uma “certa sensação profunda e saudosa”, ao tratar das memórias do diplomata Vasconcelos de Drummond:

Sempre lhes direi, aqui que ninguém nos ouve: o conselho de ministros no paço, as palavras de José Bonifácio ao Bregaro; a volta de D. Pedro depois de declarar a independência; a gente que correu à São Cristóvão; a imperatriz que, não tendo mais fitas verdes para fazer laços, fê-los com as do próprio travesseiro; D. Pedro, um rapaz de 24 anos, impetuoso e ardente; José Bonifácio, grave e forte, e, quando preciso, alegre; a gente que encheu à noite o teatro; as senhoras de laço verde ao peito; toda essa nossa aurora dá-me uma certa sensação profunda e saudosa, que não encontro... onde? no nariz do leitor, por exemplo. (MACHADO DE ASSIS, s.d., p. 42)

Em 1892, o narrador explica essa sensação com base no argumento de ter sido criado em meio ao romantismo e, assim sendo, dificilmente, poderia adaptar-se aos novos parâmetros:

Gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! meu doce leite romântico! [...] Cinco odaliscas... Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar fôlego. [...] Todas as *Orientais* de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sândalo. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 194, v. 1)

Tais comentários parecem demonstrar que a juventude de Machado de Assis estava intrinsecamente ligada ao romantismo e, por conseqüência, a Victor Hugo. Quando algum fato político ou histórico o fazia recordar o passado, evocava um dos autores preferidos de sua mocidade para ajudá-lo a recompor suas lembranças; talvez, para libertar

o Machadinho esquecido (ou contido) em meio à papelada referente à “última quinzena do trimestre adicional” da Secretaria da Agricultura. O funcionário público, autor discreto e ponderado, dava lugar ao idealista romântico, impetuoso, galante, divertido, nem que fosse por um breve instante:

Por um momento, ele considera o ideal, e o contexto de seu próprio país: por um breve momento, o idealismo e o otimismo, que ele abandonara muitos anos atrás, mostram de novo sua face, para apenas confessar sua duvidosa pretensão a uma existência sólida. (GLEDSON, 2003, p. 183)

Esta crônica, escrita em 27 de maio de 1894, acentua a ligação estabelecida entre juventude–poesia–orientalismo–romantismo:

Morreu um árabe, morador na rua do Senhor dos Passos. Não há que dizer a isto; os árabes morrem e a rua do Senhor dos Passos existe. Mas o que vos parece nada, por não conhecerdes sequer esse árabe falecido, foi mais um golpe nas minhas reminiscências românticas. Nunca desliguei o árabe destas três cousas: deserto, cavalo e tenda. Que importa houvesse uma civilização árabe, com alcaides e bibliotecas? Não falo da civilização, falo do romantismo, que alguma vez tratou do árabe civilizado, mas com tal aspecto que a imaginação não chegava a desmembrar dele a tenda e o cavalo. Quando eu cheguei à vida, já o romantismo se despedia dela. [...] Já então Gonçalves Dias havia publicado todos os seus livros. Não confundam este Gonçalves Dias com a rua do mesmo nome; era um homem do Maranhão, que fazia versos. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 101, v. 2)

O narrador “matreiro” ironiza a ignorância literária de seus leitores em relação a Gonçalves Dias; em seguida, comenta os nomes de dois deputados: Lamartine e Chateaubriand e conclui ser um “vestígio de romantismo”. Os “portadores daqueles dois nomes”, entretanto, eram apenas políticos: os nomes escolhidos por seus pais “não bastaram para dar aos filhos idealidades poéticas”.

Volta a tratar do árabe falecido, que morrera de febre amarela, “uma epidemia exausta à força de civilização ocidental” e conclui:

Miserável romantismo, assim te vais aos pedaços. A anemia tirou-te a pouca vida que te restava, a corrupção não consente sequer que fiquem os teus ossos para memória. Adeus, árabes! adeus, tendas! adeus, deserto! Cimitarras, adeus! adeus! (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 107)

No final do século, Machado de Assis vê a chegada de uma nova era à qual parece não se adaptar. Victor Hugo transporta-o para uma época de “ousadia”, representada pela “intenção de reproduzir a verdade”, quando ele acreditava poder reclamar dos atos do governo, educar pelo teatro, cobrar promessas da Câmara Municipal. O cronista não resiste às memórias de um outro tempo: “Mas é que há certas memórias que são como pedaços da gente, em que não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 281, v. 3).

Nas lembranças de seu passado, misturam-se o Alcazar e Mlle. Aimée, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, D. Pedro I e D. Pedro II, Lamartine, Musset e Victor Hugo. Dessas lembranças, faz parte um grupo de jovens intelectuais ávidos em construir uma literatura nacional, educar o povo pela arte, civilizar a sociedade.

Machado de Assis leu a obra de Victor Hugo, admirou-a, memorizou-a e, quando jovem, tentou seguir as idéias do autor do prefácio de *Cromwell*. Essa admiração, entretanto, nunca foi cega. Ele condenou os excessos da escola hugoísta liderada por Sílvio Romero, escola esta “que buscava os efeitos em certos meios puramente mecânicos” e aconselhou a evitar aquele condor que, “à força de voar em tantas estrofes, há doze anos, acabou por cair no chão, onde foi apanhado e empalhado” (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 239). Igualmente, soube olhar para o autor de *Les Contemplations* com olhos críticos, retirando de sua obra somente os aspectos que poderiam beneficiar o seu amadurecimento como escritor. Nunca procurou imitá-lo e chegou a condenar

“os macaqueadores de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo” (MACHADO DE ASSIS, 1953a, p. 119).

Evidentemente, “os macaqueadores de Victor Hugo” nada mais faziam, além de seguir as tendências de uma época em que se buscava criar uma identidade nacional e em que a França era vista como um pólo irradiador de cultura.

O colaborador da *Gazeta de Notícias* possuía uma visão bastante criteriosa da França e de seus escritores e soube, como poucos, colocá-los à mercê de seu discurso. Recriando as citações, dispondo-as conforme sua vontade, apropriou-se delas, ilustrou a história de seu país por meio de textos estrangeiros e propôs uma literatura nacional que aceitasse o elemento externo de maneira consciente, estabelecendo com ele trocas e empréstimos, deturpando-o numerosas vezes, com a intenção clara de aproveitar somente o que lhe interessava (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96). Houve, portanto, uma seleção baseada em um conhecimento amplo da cultura francesa, de acordo com as tendências da época, mas também com escolhas pessoais, denotadoras de independência em suas leituras.

A presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis parece revelar, portanto, não a influência do poeta francês na obra do escritor brasileiro, mas o estabelecimento de uma prática intertextual sempre renovadora. Nessa prática, o caráter grandiloquente do autor de *L'Année Terrible* cede lugar ao tom predominantemente humorístico dos textos jornalísticos, ocorrendo, assim, uma dessacralização da obra hugoana. Além disso, a passagem de um veículo a outro, ou seja, do livro ao jornal, permite ao texto citado ou parodiado ganhar em amplitude de atuação, porque guarda elementos de sua origem e a eles se acresce. Victor Hugo surge, então, como um imenso repositório de frases, personagens e situações que, além de serem tributárias do sucesso, pertenciam à maior figura literária do século XIX, na França.

Matizar tal repertório, inserindo-o em outro texto/contexto, é a marca registrada do cronista, que sabe dar ao seu espaço, no jornal, o

verniz da citação e, ao mesmo tempo, consegue impor a Victor Hugo e sua obra uma dimensão “brasileira”.

O poeta das *Orientales* está vinculado à juventude de Machado de Assis, aos poetas românticos de 1830, razão pela qual, verifica-se sua quase ausência nos romances e contos. Nas obras de sua maturidade, o autor brasileiro buscou afastar-se das escolas já ultrapassadas e citar, preferentemente, escritores clássicos. Construiu de forma meticulosa a imagem que gostaria de perenizar: aquela do literato de fina ironia, erudição incontestada, humor elegante e estudo profundo dos caracteres. Por isso, a presença hugoana nas crônicas. Feitas para serem esquecidas no dia seguinte ao da publicação, elaboradas “ao correr da pena”, assinadas com pseudônimos, podem ser o campo do experimento, da ousadia, do pensamento livre e sem amarras. Lélío dos Anzóis Carapuça pode atacar o governo, ridicularizar escritores renomados, despedir-se do leitor com insultos, mandando-o para “o diabo que o carregue”. Em “A Semana”, o cronista tem o anonimato total. Nessa série, ressurgiu com força a presença do ícone do romantismo na França e, com ele, o impetuoso colaborador da *Gazeta*, tão diferente do “escritor oficial do Estado”, estabelece um diálogo permeado de versos, zombarias e lembranças.

Victor Hugo representava para o Bruxo do Cosme Velho uma viagem em direção ao passado romântico, à sua juventude liberal, aos seus ideais sufocados pela burocracia e pelo *struggle for life*.

Protegido pelo pseudônimo de Sileno, Gil, Lélío, Boas Noites, bastava-lhe apenas uma boa razão para fazer calar o comedido, discreto, aristocrático, recatado Machado de Assis, mesmo que por um breve instante. Essa boa razão – que podia ser um presente de sultão ao papa, uma guerra civil, a imundície das ruas do Rio de Janeiro, o desligamento de um tenor de sua *troupe* – fazia-o ressurgir e, algumas vezes, indignar-se; outras, emocionar-se.

Escondido sob as barbas brancas e o *pince-nez* do respeitado autor de *Dom Casmurro*, estava Machadinho, o rapaz que sonhou com



um teatro nacional, que disse impérios aos políticos, que se encantou com os livros trazidos pelo paquete, que se envolveu em polêmicas, que memorizou as *Orientales*, que estudou as *Orientales*, aprendendo, com elas, a fazer versos.

DES RIMES DE SANTAL ET OR: LA PRÉSENCE DE VICTOR HUGO DANS LES CHRONIQUES DE MACHADO DE ASSIS

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est celui de démontrer l'importance de la présence de Victor Hugo dans les chroniques de Machado de Assis écrites de 1859 à 1897. Tout d'abord, on peut affirmer que cette présence est très importante: on a vérifié que, parmi les 200 citations françaises faites par Machado de Assis dans les six cents chroniques qu'il a écrites, 27 appartiennent à Victor Hugo. Comme l'on peut observer, l'ensemble de telle présence indique la nécessité ressentie par Machado de Assis d'établir, en tant que chroniqueur, le dialogue avec ce puissant influx représenté par la grandiose production hugolienne.

MOTS-CLÉS: Machado de Assis, chroniques, présence hugolienne, littérature comparée.

---

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *O teatro político nas crônicas de Machado de Assis*. São Paulo, IEA, 2004. (Série Literatura, 1).

\_\_\_\_\_. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARNEIRO LEÃO. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

FACIOLI, Valetim. *Várias histórias para um homem célebre: biografia intelectual*. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES, Eugênio. *Espelho contra espelho*. São Paulo: IPE, 1949.

HUGO, Victor. *Les chants du crépuscule, les voix intérieures, les rayons et les ombres*. Paris: Gallimard, 1970.

\_\_\_\_\_. *Odes et Ballades, Les Orientales*. Paris: GF Flammarion, 1968.

JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.

\_\_\_\_\_. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953a.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953b.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959, v. III.

\_\_\_\_\_. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.

\_\_\_\_\_. *Bons dias!* Organizado por John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1995.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de Lélío*. Organizado por Raimundo Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Conselho Nacional de Cultura, 1971.

\_\_\_\_\_. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1965.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado*. São Paulo: Annablume, 1996a.

\_\_\_\_\_. *As sugestões do conselheiro: a França em Machado de Assis – Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Napoleão de Botafogo*. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cintilações francesas: Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar*. São Paulo: Nankim, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leila. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: \_\_\_\_\_. *Flores da escrivaniinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.